

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

WENDERLAINE ROSÁRIO SILVA DE PAULA

**DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ASSOCIAÇÃO DE
PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS DE VIÇOSA-MG**

VIÇOSA – MG

2017

WENDERLAINE ROSÁRIO SILVA DE PAULA

**DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ASSOCIAÇÃO DE
PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS DE VIÇOSA-MG**

Monografia apresentada como parte das exigências da disciplina EDU 388 – Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, sob a orientação da Professora Doutora Rosa Cristina Porcaro.

VIÇOSA – MG

2017

WENDERLAINE ROSÁRIO SILVA DE PAULA

**DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ASSOCIAÇÃO DE
PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS DE VIÇOSA-MG**

Banca Avaliadora:

Prof.º Dr.º Rosa Cristina Porcaro
(Orientadora)

Prof.º Dr.º Bethânia Medeiros Geremias
(Avaliadora)

Prof.º Ms.º Natália Rigueira Fernandes
(Avaliadora)

Aprovado em: ____/____/____.

VIÇOSA – MG

2017

AGRADECIMENTOS

Quando se tem um sonho, jamais se deverá pensar em desistir, jamais se poderá pensar que se é incapaz. Acredite que você tem o poder de mudar. E para mudar, basta incorporar, lutar e sonhar por aquilo que ama e quer. Hoje, meu sonho se torna realidade. Ainda há muito que conquistar, mas agora é hora de agradecer.

Agradeço a Deus pela vida que me concedeu, me permitindo chegar até aqui. Agradeço aos meus ídolos, meus pais Rosária e Cirilo, pelo exemplo, amor incondicional, apoio e por não medirem esforços em me ajudar.

Agradeço aos meus amigos e familiares, por sempre me incentivarem, em especial a minha amiga Aline que esteve ao meu lado durante toda a graduação e principalmente na execução desse trabalho.

Agradeço a todas as escolas e a toda comunidade escolar de cada uma, que me abriram as portas para efetuar meus estágios curriculares e extracurriculares, agregando para a minha formação acadêmica.

Agradeço a todos os meus professores, por todos os ensinamentos, em especial a Prof. Dr. Rosa Cristina Porcaro, por ter me orientado nesse trabalho, por toda confiança em mim depositada, pela paciência, compreensão e dedicação.

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda...”*

Paulo Freire!

RESUMO

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de investigar os desafios que os educandos e os educadores enfrentam durante o processo educacional na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em prisões. O foco da pesquisa é a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) de Viçosa. Para tanto, foi realizado um estudo sobre a organização do sistema prisional nesse ambiente, para a compreensão de seu funcionamento. Além disso, foi feita uma análise qualitativa da formação dos docentes e da maneira como estes desenvolvem suas aulas. Também foram investigados os motivos dos recuperandos terem retomado os estudos. Para atingir os objetivos propostos, foi realizada uma entrevista com a coordenadora pedagógica da EJA na APAC. Ainda, foram aplicados questionários aos professores e aos recuperandos. Os dados obtidos nessa pesquisa chamaram atenção para a falta de recursos e investimentos na EJA em prisões, e também, para o alto índice de rotatividade dos alunos em sala de aula, o que tem prejudicado o processo de aprendizagem.

Palavras chaves: Educação de Jovens e Adultos em prisões; Sistema Prisional; Desafios; Recuperandos; Professores.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO: A EJA PRISIONAL NO BRASIL	11
4. ANÁLISE DOS DADOS	15
4.1 O ambiente educacional.....	15
4.2 Desafios dos educandos.....	17
4.3 Desafios dos educadores.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6. REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES	35

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da graduação, experimentei atividades diversas que contribuíram gradativamente para minha formação como pedagoga. O interesse pela temática da Educação de Jovens e Adultos (EJA) surgiu durante a disciplina EDU 263 – Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos, na qual foi abordado todo o contexto histórico desta modalidade de ensino no Brasil, tendo ênfase, principalmente, nos desafios dessa modalidade para ser reconhecida e nos desafios durante o processo de escolarização de seus educandos, abordando a realidade dos mesmos e alguns recursos e procedimentos próprios do ensino, com base nos princípios de Paulo Freire.

No curso, tive a oportunidade de cursar a disciplina EDU 495 - EJA e Diversidade, que abordou a EJA em seus diversos espaços, através de visitas pedagógicas ao Núcleo de Educação de Adultos (NEAD), onde pude conversar com os monitores e educandos para conhecer o processo de ensino/aprendizagem e a realidade dessa modalidade, sendo possível associar a teoria com a prática.

Além desse espaço, visitamos também a Escola Prisional Professor Cid Batista, de Viçosa e a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), o que me despertou um maior interesse em pesquisar e saber como se desenvolve o processo de aprendizagem dentro de uma prisão, pois a mesma busca a ressocialização dos presos. Segundo Paulo Freire (2011), ao atuar em turmas da EJA, o educador deve conhecer a realidade do educando, valorizando o seu cotidiano para que haja um interesse do mesmo e uma aprendizagem significativa, vindo a interpretar o mundo no qual está inserido e desenvolver uma visão crítica desse mundo, levando à libertação de um histórico de fracasso e incapacidade.

Diante disso, comecei a me questionar sobre esse processo de ensino. Se os educandos estão presos devido aos seus atos ilícitos, como o educador vai valorizar o seu cotidiano, que se constitui um ambiente de punições? Como desenvolver uma metodologia que leve à libertação do aluno se ele se encontra em um regime fechado? Como buscar uma metodologia que desperte o interesse dos educandos se o educador possui algumas restrições no seu trabalho?

Mediante esses questionamentos, motivei-me em realizar essa pesquisa, buscando analisar os principais desafios da EJA Prisional na APAC, identificando como é a estrutura organizacional desta e quais são os desafios que a mesma enfrenta no desenvolvimento dessa modalidade. Este é um tema desafiador, que contribuiu

significativamente em minha formação e em minha futura atuação como pedagoga nos variados espaços.

Desse modo, especificamente, pretendi:

- Analisar a organização pedagógica da APAC;
- Analisar alguns aspectos da prática docente, utilizados como estratégias educativas, baseados nos princípios de Paulo Freire
- Analisar os desafios cotidianos da sala de aula da APAC;
- Identificar os principais desafios da coordenação pedagógica na EJA Prisional.

Partindo do pressuposto de que, segundo Paulo Freire, a educação tem a função de libertação, em que o sujeito seja capaz de ser autônomo, crítico, reconhecedor de seus deveres e direitos perante a sociedade, faz-se necessário essa pesquisa sobre a realidade da APAC, apontando os desafios que a educação, nessa modalidade, encontra para desenvolver a sua função.

2. O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na APAC, dentro de uma abordagem qualitativa, a qual preocupa-se basicamente com a análise e contextualização do objeto em estudo numa realidade dinâmica com abertura, flexibilidade e de muitas interações com os indivíduos envolvidos na pesquisa. Como destaca Minayo (2001, p.14),

a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os dados foram coletados através de observações, entrevistas e questionários. A observação é uma técnica de coleta de dados que consiste em ver, ouvir e examinar fatos ou ferramentas que se deseja estudar. Nesse sentido, Marconi e Lakatos (2007, p.88) destacam:

É uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. [...] A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam o seu comportamento.

A entrevista é o encontro entre duas ou mais pessoas, a fim de que se obtenha informações a respeito de determinado assunto. Barbosa (2008, p.2) destaca que a entrevista

é um método flexível de obtenção de informações qualitativas sobre um projeto. Esse método requer um bom planejamento e habilidade do entrevistador, para seguir um roteiro de questionário, com possibilidades de introduzir variações que se fizeram necessárias durante sua aplicação.

Tal entrevista foi realizada com a coordenadora pedagógica da APAC, no sentido de analisar a organização estrutural e o funcionamento desse espaço. As observações foram realizadas nas salas de aulas e nos corredores da escola prisional da APAC, para identificarmos as características físicas desse espaço e as defasagens que se encontra no mesmo. Já a entrevista desenvolvida com a coordenadora pedagógica, foi breve, havendo um roteiro de entrevista com quatorze (14) questões para obtenção de informações sobre o funcionamento da escola prisional na APAC e identificação dos desafios que a mesma possui diante da coordenação deste espaço de ensino.

Os questionários são um instrumento de coleta de dados constituídos por uma série ordenada de perguntas, a fim de se obter informações sobre determinado assunto. Segundo Barbosa (2008, p.1), esta “é uma técnica de custo razoável, apresenta as mesmas questões para todo as pessoas, garante o anonimato e pode conter questões para atender a finalidades específicas de uma pesquisa”.

Este questionário foi entregue a dezoito (18) professores que ministram aula nas turmas da APAC, mas somente sete (7) destes o responderam. O objetivo desse instrumento foi o de levantar dados referentes à formação acadêmica desses professores, à metodologia utilizada nas aulas e aos desafios encontrados por estes no desenvolvimento de seu trabalho.

Também foram entregues questionários a vinte e cinco (25) recuperandos, mas foram respondidos vinte e um (21). Todos os respondentes são do sexo masculino, com uma faixa etária entre 22 e 46 anos. A finalidade deste questionário foi identificar a motivação desses alunos para o retorno aos estudos e os desafios que estes enfrentam durante esse processo. Esses questionários foram deixados com a coordenadora pedagógica, que aplicou os mesmos aos alunos e professores. Depois disso, eles foram recolhidos e foi feita uma tabulação e uma análise dos dados.

3. REFERENCIAL TEÓRICO: A EJA PRISIONAL NO BRASIL

A Educação de Jovens e Adultos é composta, em sua maioria, por pais de famílias, trabalhadores, idosos, que não tiveram oportunidade de frequentar o ensino regular ou que pararam de frequentar por determinadas situações, originados da classe popular e que apresentam autoestima baixa, se avaliam como incapazes, carregam experiências escolares traumáticas e todo um contexto social que veio a levar a tal situação.

Segundo Silva et al (2012), a história da EJA se deu desde o Brasil Colônia, em que a educação era voltada para a doutrinação religiosa, ministrada pelos jesuítas, que criaram a Companhia de Jesus, que objetivava um projeto educativo e missionário, visando difundir a fé católica, normas comportamentais, ofícios necessários para o desenvolvimento da colônia indígena. Com isso, iam fazendo uma aproximação com os índios, ou seja, era uma “domesticação” introduzindo uma nova cultura.

Para ter essa doutrinação, era preciso fazer uso da leitura e da escrita. Então, começou-se a fazer esse processo. Porém, era restrito a pré-requisitos necessários à leitura do catecismo. Esse projeto de ensino se deu de forma assistemática e a oferta da educação era moralizadora para a classe pobre e instrutora para a classe rica.

Segundo Galvão e Soares (2010, p.30) “houve um processo de progressiva institucionalização da escola no Brasil”, definindo espaços e tempos de aprendizagem, saberes, materiais didáticos e a formação dos professores. Houve muitas discussões acerca da instrução e da educação das “camadas inferiores da sociedade. Nesse sentido, o Ato Adicional em 1834, responsabilizando as províncias pela educação primária e secundária e formulou as políticas de instrução para jovens e adultos.

No final da década de 1950 e início da década de 60, iniciou-se uma mobilização da sociedade civil em torno das reformas de base, surgindo novas proposta para a educação de jovens e adultos. Também vale ressaltar que o problema do analfabetismo foi ganhando uma nova visão, deixando de ser causa e passando a ser efeito da pobreza, gerada por uma estrutura social não igualitária, fazendo uma nova relação entre os problemas educacionais e os problemas sociais, partindo de um exame crítico da realidade existencial dos educandos. Assim, foi se consolidando uma nova pedagogia, tendo como principal referencia Paulo Freire.

Freire destacava que a educação e a alfabetização estavam interligadas, e começou a trabalhar essa questão. Com a expansão das suas ideias, em 1963, o governo

encerrou as campanhas e encarregou Freire de organizar e desenvolver um programa de alfabetização para adultos: o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura. Porém, em 1964, aconteceu o Golpe Militar, e Freire passou a ser visto como ameaça ao país, pois suas ideias iam contra os interesses da elite brasileira. Adotou-se, então, como medida contra esse “perigo” que ele representava, a interrupção do programa e o exílio dele, voltando-se para a priorização de programas de alfabetização de adultos assistencialistas e conservadores.

Diante disso, segundo Porcaro (2011), “a nova LDB/96, apesar de reconhecer o direito à EJA, deixou de lado uma série de iniciativas importantes à realização plena desse direito, não dedicando nenhum artigo ao problema do analfabetismo”. Ou seja, por mais que a EJA se tornasse, na lei, um direito para os cidadãos, não havia um olhar cuidadoso como no ensino regular, deixando de lado questões importantes que deveriam ser tratadas e políticas de ensino para a diminuição do número de analfabetismo.

O Brasil possui a quarta maior população carcerária do mundo, sendo composta, em sua maioria, por pessoas de baixa renda, jovens, negros e homens, que possuem baixa escolaridade. Porém, o número de mulheres no sistema carcerário vem aumentando cada vez mais. A EJA Prisional é a Educação de Jovens e Adultos dos jovens e adultos que estão presos, cuja educação tem a finalidade de criar condições favoráveis à construção do ser humano, visando o desenvolvimento do mesmo e sendo direito de todos e dever do Estado. Como destaca Lourenço e Onofre (2011, p.15), “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Ainda, o direito à educação também é ratificado pela Lei de Execução Penal, artigo 17-21, que afirma:

A assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado; o ensino de 1º grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da Unidade Federativa; o ensino profissional será ministrado em nível de iniciação ou de aperfeiçoamento técnico; as atividades educacionais podem ser objeto de convênio com entidades públicas ou particulares, que instalem escolas ou ofereçam cursos especializados; em atendimento as condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para o uso de todas as categorias de reclusos, promovida de livros instrutivos e didáticos (LOURENÇO E ONOFRE, 2011, p.15).

A educação não deve ser entendida como um privilégio ou como uma recompensa em troca de um bom comportamento, pois é um direito que o apenado possui, como destaca Teixeira (2007, p.15):

O princípio fundamental que deve ser preservado e enfatizado é que a educação no sistema penitenciário não pode ser entendida como privilégio, benefício ou, muito menos, recompensa oferecida em troca de um bom comportamento. Educação é direito previsto na legislação brasileira. A pena de prisão é definida como sendo um recolhimento temporário suficiente ao preparo do indivíduo ao convívio social e não implica a perda de todos os direitos.

A Lei de Execução Penal também estabelece que o Estado tem o dever de prevenir o crime e orientar o retorno do preso à sociedade, oferecendo assistência material, jurídica, social, religiosa, na área da saúde e educacional. Porém, a realidade atual está longe de atingir esses objetivos, já que hoje se encontra presídios superlotados, sem infraestrutura e em condições desumanas de sobrevivência, vindo a provocar revolta e fazendo o papel inverso da ressocialização, cumprindo apenas o papel de isolar o preso da sociedade.

Nesse sentido, Sacramento (2002, apud VASQUEZ, 2011, s/p) explicam:

A cadeia não recupera o preso, mas cumpre o papel dela – mantém o preso fora da sociedade e ninguém fala isso. A cadeia, o papel dela ela faz, que é isolar o preso da sociedade, se ela irá recuperá-lo ou não, depende também da forma como a sociedade o aceita ou acolhe. Vale lembrar que o sistema penitenciário nunca trouxe solução, se fala que trata (ou trabalha) para regenerar homens, isso pela experiência que tenho é uma grande utopia.

A escola prisional é aquela que se localiza dentro dos presídios, onde se busca oferecer um ensino para os apenados. Porém, existem vários desafios para que essa escola prisional funcione e desenvolva uma educação de qualidade. Nesse sentido, Teixeira (2007, p.18) relata:

O grande problema é que esta oferta se organiza de forma precária e sem uma institucionalização na rede de ensino, como prevê a LEP. Na maior parte das Secretarias responsáveis pela Administração Penitenciária não há um setor para organizar a assistência educacional. Na falta de orientações por parte do Ministério da Educação, os Estados e o Distrito Federal foram organizando a oferta de acordo com o seu entendimento e suas possibilidades e isto talvez explique um percentual tão baixo de presos participando de atividades educacionais.

Com essa falta de orientação e desvalorização da educação prisional, passam a oferecer uma educação sem qualidade, apenas para o cumprimento da lei que garante o direito dos apenados pela mesma. Dentro do sistema carcerário, o preso é obrigado a seguir regras rígidas, tendo que se enquadrar nesse sistema, sendo visto muitas vezes, como apenas mais um número, como um objeto, sem direitos e sem cultura. Ao adentrarem no sistema educacional, os presos começam a se sentir como sujeitos, capazes de se expressar, mas passam por vários desafios durante esse processo de ensino/aprendizagem, como falta de material didático, salas improvisadas, barulho, etc.

Além disso, o modo como a educação é ofertada acaba sendo um problema, pois nenhum aluno é uma “tábula rasa”. Então, uma boa educação deve partir das experiências destes, valorizando os conhecimentos que estes já possuem. Mas como valorizar o conhecimento e o cotidiano do aluno, se o professor está sendo vigiado na porta por um agente da polícia? Além disso, a realidade dos alunos é de crimes cometidos, drogas e prisão com submissão a regras. Freire (2011) também defende a ideia de que o aluno deve ser otimista quanto ao seu futuro, pensando em crescer na vida, trabalhar, etc. Porém, a visão que prevalece entre os detentos se resume ao dia de serem soltos.

Diante disso, apesar da educação ser um instrumento de transformação, que deve atuar de forma a conscientizar o educando a respeito de suas escolhas e as consequências para tais, no sistema carcerário enfrenta-se vários obstáculos a isso, como: profissionais despreparados, estrutura inadequada, preconceito, superlotação, o que prejudica esse processo.

Dentro do sistema carcerário, ocorre um processo de socialização, desenvolvendo-se uma cultura específica, que é formada por regras de comportamentos que devem ser seguidos por todos. Assim, os que adentram nesse espaço, logo têm que se adaptar a essa cultura prisional, extremamente autoritária, marcada pelo poder e pela violência no seu cotidiano.

Segundo Lourenço e Onofre (2011), a escola prisional é aquela que se localiza dentro do sistema carcerário e surge como útil para a resolução dos problemas concretos enfrentados pelos presidiários. Também destaca que, como estão afastados do convívio social decorrente da privação de sua liberdade, sentem a necessidade de se atualizar para retornarem à sociedade, sendo função da escola desempenhar esse papel.

Mesmo diante de tais obstáculos, a escola no sistema carcerário é um espaço valorizado pelos detentos, pois é vista como um local onde se procura tratar de assuntos positivos, onde eles são reconhecidos pelo nome, não sendo apenas mais um número, além de significar a possibilidade de melhoria de vida. Assim, mesmo se abordarem questões relacionadas ao crime dentro da sala de aula, esse espaço é sempre preservado quando ocorre alguma rebelião na cadeia.

Porém, o trabalho compete com a escola, pois, mesmo os presos reconhecendo sua importância, muitas vezes têm que abandonar os estudos, em função da necessidade de se dedicarem ao trabalho, ou optarem pelo trabalho, devido a possibilidade de conseguirem um dia de remição da pena com três dias trabalhados, enquanto com o estudo, precisariam frequentar quatro dias.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo, irei apresentar uma análise dos dados que foram coletados na APAC durante a pesquisa. Esses dados se referem ao ambiente educacional, às metodologias utilizadas pelos professores e aos desafios que a coordenadora pedagógica, os educadores e os educandos enfrentam nesse processo de ensino aprendizagem na EJA Prisional.

4.1 O ambiente educacional

O sistema prisional de Viçosa organiza o seu processo de ensino por meio de uma entidade denominada Núcleo de Ensino e Profissionalização Escola Estadual Professor Cid Batista, localizada na unidade prisional de Viçosa, e também funciona na APAC, que se encontra localizada à Rua Doutor Brito, Centro de Viçosa, sendo essa uma extensão da unidade prisional. A Escola Estadual Professor Cid Batista localiza-se no interior da unidade prisional, mantendo os presos em celas fechadas ou realizando algum serviço sobre vigilância. Para que o apenado consiga retomar os estudos, ele precisa fazer uma solicitação. A partir daí, é feita uma avaliação do comportamento desses, de todo o tempo que está preso. Em seguida, é emitida uma autorização para que o solicitante frequente as aulas.

Nesse espaço, tanto os presos quanto os professores têm que seguir regras, como o uso de jalecos para o professor e a restrição do uso de alguns objetos durante as aulas. Os apenados não podem levar nenhum tipo de material para a cela. Além disso, eles são

levados algemados para a sala de aula e é retirada a algema quando chegam na sala. Estes aguardam o professor, que entra em seguida e a sala de aula é trancada, tendo um agente policial na porta, caso aconteça algo irregular nesse espaço. Mediante esse contexto, alguns presos fazem uma solicitação para serem transferidos para a APAC. Nessa solicitação, eles avaliam o crime cometido e o comportamento do apenado. Caso haja vaga e o apenado se enquadre nas exigências, ocorre a transferência e este é transferido para a APAC.

Na APAC, o apenado passa ser chamado de recuperando, devido a ser este um ambiente que tem como objetivo principal a recuperação dessas pessoas e a reintegração das mesmas na sociedade. Ao adentrar na APAC, o recuperando tem que frequentar as aulas, por ser este um pré-requisito para a permanência deste no local, salvo exceções dos que já concluíram o Ensino Médio ou estão em regime semiaberto ou aberto, vindo a exercer um trabalho externo que o impeça de estudar. Já os que estão em regime fechado, realizam trabalhos manuais. Muitos apenados fazem o pedido da transferência para a APAC, por ser um ambiente onde possuirão uma maior liberdade, pois as celas ficam abertas, e os recuperandos são responsáveis por todo o serviço da unidade, desde cozinhar até a limpeza da calçada e o controle do portão para receber as pessoas.

A APAC possui uma coordenadora pedagógica, dezoito (18) professores que também atuam na E. E. Prof. Cid Batista, e quarenta e dois (42) recuperandos, dos quais apenas vinte e cinco (25) estudam, pois os demais trabalham durante o dia ou já concluíram os estudos. Na APAC, são ofertados o Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio na modalidade da EJA semestral. Há, atualmente, uma turma com dois (2) alunos no 3º período dos anos iniciais, uma turma com quatro (4) alunos no 1º período dos anos finais, uma turma com nove (9) alunos no 4º período dos anos finais, uma turma com 5 alunos no 1º ano do Ensino Médio e uma turma com cinco (5) alunos no 2º ano do Ensino Médio. As aulas são oferecidas no turno da manhã, das 08:00 às 11:00 horas, e no turno da tarde, das 14:00 às 17:00 horas. A instituição educacional possui três (3) salas de aulas amplas e arejadas; uma sala de direção que é pequena e com pouca estrutura; um banheiro para os alunos e um banheiro para os funcionários.

Dentro da APAC, há uma rotina em que são distribuídas as funções para cada recuperando, e algumas exigências quanto ao comportamento dos recuperandos. Referente às aulas, os professores devem estar com jalecos, mas possuem liberdade para

ministrar as suas aulas, podendo realizar dinâmicas de grupos e usar recursos diversificados que facilitem a compreensão dos alunos.

As salas de aula não ficam trancadas, possuindo trabalhos dos alunos nas paredes. O uso de materiais é livre, tanto na sala de aula quanto nas celas, não tendo nenhuma restrição de algum objeto e podendo-se expandir os estudos para outros ambientes. O espaço físico é decorado com trabalhos manuais realizados pelos recuperandos que estão em regime fechado, como forma de terapia, para esquecerem do crime cometido e se recuperarem. A coordenadora pedagógica da APAC possui formação em Pedagogia, com um curso de 60 horas em Políticas Públicas, atuando a dois anos na coordenação da EJA Prisional.

Durante a entrevista com a coordenadora pedagógica, esta relatou que são feitas reuniões todas as terças-feiras com o corpo docente, para que ela possa discutir com eles sobre os recuperandos, repassar avisos e fazer capacitação, mediante estudos de textos sobre a EJA. Também são discutidos alguns projetos que são desenvolvidos dentro da sala de aula, como a “Feira de Conhecimento” e a “Semana Escola e Movimento da Virada da Educação”.

Ao ser questionada sobre os desafios que ela enfrenta na gestão de uma escola prisional, ela mencionou apenas a falta de verba e de investimentos do governo, alegando que com a falta de dinheiro, a estrutura física da escola é precária, precisando de pintura, ventiladores e materiais didáticos para os alunos. Como o dinheiro vem da Superintendência de Ensino, há um atraso nessa verba e, normalmente, este vem apenas no início do ano letivo.

Para tentar amenizar essa falta de dinheiro, a coordenadora pedagógica da APAC busca parcerias com a Prefeitura Municipal de Viçosa e com as escolas estaduais e municipais, que contribuem com algumas doações. Além disso, como a instituição educacional da APAC é uma extensão da E. E. Prof. Cid Batista, alguns materiais como cadernos são levados para os alunos da APAC.

4.2 Desafios dos educandos

Nessa fase de coleta de dados, foi aplicado um questionário contendo sete questões, sendo duas referentes à identificação e cinco referentes aos estudos e desafios.

O questionário foi aplicado a 21 alunos, sendo todos do sexo masculino, com idade entre 22 a 46 anos, como mostra a Tabela 1:

Tabela 1: Idade dos alunos da pesquisa

Idade	Total de alunos
22 a 30	12
31 a 40	6
41 a 46	3

Fonte: dados da pesquisa.

Na Tabela 1, podemos notar o grande número de alunos jovens. Segundo Lourenço e Onofre (2011), está aumentando gradativamente, a cada ano, o número de adolescentes e jovens inseridos no mundo do crime. Além disso, essa juvenilização das turmas da EJA é destacada por Marinho (2012, p. 21): “[...] a partir da década de 1990, a EJA vem sofrendo um processo de juvenilização, sobretudo, desde o momento que os programas de EJA passam a acolher jovens de origem urbana, que tem como marca uma trajetória escolar mal sucedida”.

A primeira questão foi referente ao nível que estão frequentando. Verificamos que há recuperandos tanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2: Nível que os alunos estão frequentando

Nível de escolarização	Total de alunos
3º período do Ensino Fundamental I	2
4º período do Ensino Fundamental I	3
9º período do Ensino Fundamental II	6
1º ano do Ensino Médio	5
2º ano do Ensino Médio	5

Fonte: dados da pesquisa.

A segunda questão presente no questionário foi referente ao que motivou os recuperandos a retomarem os estudos. Nessa questão, alguns alegaram mais de um motivo que os levaram a buscar os estudos, como mostra a Tabela 3.

Tabela 3: Motivos que fizeram os presos retomarem os estudos

Motivo para retomar os estudos	Total de alunos
Adquirir mais conhecimentos	12
Obrigado a estudar	3
Necessidade dos estudos	2
Obter remissão	2
Ter facilidade para estudar na APAC	2
Emprego	1
Família	1
Vencer na vida	1
Vontade de ler e escrever com perfeição	1
Tornar engenheiro	1
Concluir o Ensino Médio	1
Ocupar um espaço reconhecido na sociedade	1
Ter habilitação	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa questão, doze recuperandos alegaram que buscaram os estudos para adquirirem mais conhecimento e, com isso, poderem mudar de vida, buscando conquistar as coisas e construir a sua vida. Em segundo lugar, encontramos três recuperandos que relatam que voltaram a estudar por ser um requisito para permanecer na APAC. Desse modo, pode-se inferir que estes não veem o estudo como algo que irá fazer falta futuramente, mas apenas como algo obrigatório enquanto estiverem nessa instituição.

Podemos ver isso nas seguintes falas:

Eu gosto de aprender e estou preso assim sobra tempo para mim alimentar o meu conhecimento (Aluno X, 44 anos).

Eu vou falar a verdade, por que a gente tem que estudar, não tem outra opção (Aluno Y, 38 anos).

Dois recuperandos disseram que sentem necessidade dos estudos para terem uma vida fora da prisão, alegando que o mesmo faz falta quando vão procurar um emprego ou para realizar atividades cotidianas. Também houve dois recuperandos que relataram que estavam frequentando as aulas para obter a remissão, pois a cada quatro dias que a pessoa frequenta as aulas, esta adquire um dia de remissão, vindo a diminuir a sua pena, como mostra a seguir:

A motivação é de que os estudos faz muita falta em nossa vida, principalmente nessa crise que estamos enfrentando, com o alto índice de desemprego (Aluno Z, 28 anos).

O que me motivou foi a remissão (Aluno A, 31 anos).

Como, para permanecer na APAC, o recuperando tem que estudar, há uma facilidade destas pessoas retomarem os estudos. Assim, dois recuperandos alegaram que esse foi o motivo que fizeram com que frequentassem as aulas. As demais respostas foram de apenas um recuperando para cada, alegando que voltaram a estudar para conseguir emprego, por causa da família, vencer na vida, ser engenheiro, concluir o Ensino Médio, ter habilitação ocupar um espaço reconhecido na sociedade e vontade de ler e escrever com perfeição.

Esses alunos estão em um ambiente privado de liberdade, em que os interesses pelas aulas podem partir da vontade de conseguir a remissão, já que a educação passou a ser considerada como uma forma de reintegrar o indivíduo. Assim, Julião (2007, p. 29) aborda:

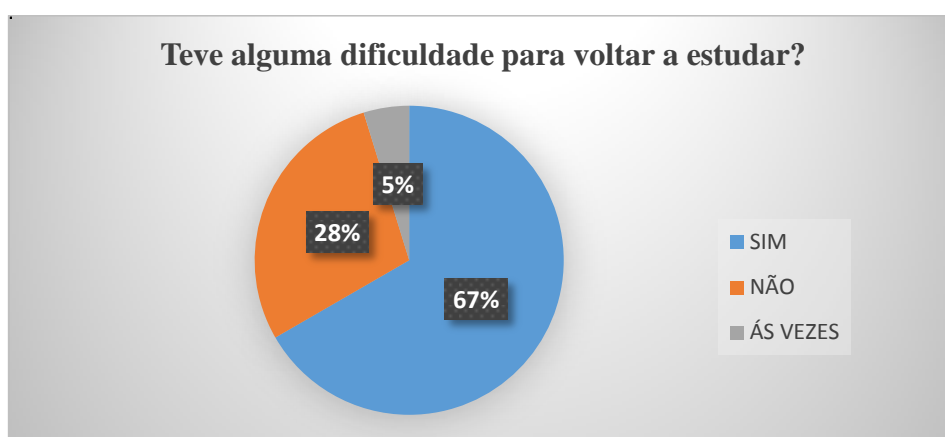
Durante muitos anos, prevaleceu a ideia de que somente através da ocupação profissional do interno se conseguiria verdadeiramente a sua reinserção social. Tanto é que a Legislação Penal brasileira vigente só reconhece a remição de parte da pena através do trabalho. A partir de discussões implementadas por alguns criminologistas, passa a existir um movimento que tenta reconhecer que “a postulação de remição de pena pelo estudo também se mostra juridicamente possível”.

Diante desses dados, percebe-se que são vários os motivos que levam cada resuperando a retomar os estudos, em busca de se realizarem na vida pessoal ou profissional. O que vem a chamar nossa atenção é que três recuperandos estão nesse espaço por ser considerado um ambiente mais humano e mais tranquilo para conviver,

não tendo as celas superlotadas e por terem mais liberdade para transitar dentro do espaço físico.

A terceira questão foi referente às dificuldades que encontram para voltar a estudar. Do total de vinte e um (21) participantes da pesquisa, quatorze (14) alunos (67%), relataram ter dificuldade em voltar a estudar, enquanto seis (6) alunos (28%) alegam não terem dificuldades e um (1) (5%) relata que, algumas vezes, tem dificuldade, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 1: Porcentagem dos alunos que tiveram ou não dificuldades para voltar a estudar



Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa mesma questão, foi pedido que relatassem se tiveram alguma dificuldade ou não para voltarem a estudar. A tabela 4, a seguir, mostra os motivos dos recuperandos alegarem que tiveram dificuldade.

Tabela 4: Motivos dos recuperandos terem dificuldade em estudar

Por que tiveram dificuldade em voltar a estudar	Total de alunos
Muitos anos sem estudar	5
Dificuldades em matemática e português	3
Poucas vagas	1
Não gosta de estudar	1
Raciocínio lento e privado de liberdade	1
Cansaço da rotina	1

Conversa com a pedagoga do presídio para voltar a estudar	1
Não responderam	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Como mostra a Tabela 4, o principal motivo apontado foi o fato de estarem muito tempo sem estudar, pois, a maioria dos detentos são pessoas oriundas das periferias e que possuem baixa escolaridade, o que vem a provocar uma dificuldade em conseguir acompanhar a turma e os conteúdos que são abordados. Assim, é necessário que o professor conheça o grupo de alunos que possui, vindo a identificar essas dificuldades e buscando metodologias que facilitem o entendimento do mesmo, juntamente com a associação dos conteúdos com o cotidiano dos alunos, trazendo exemplos.

Em segundo lugar, está presente a dificuldade nas disciplinas de Matemática e Português. Essas matérias, são consideradas pelos alunos como mais difíceis nas escolas, devido ao fato de abordarem conhecimentos abstratos e possuírem algumas regras e exceções em alguns casos, o que dificulta o entendimento dos alunos e a assimilação do conteúdo.

Os demais motivos alegados foram: as poucas vagas, devido à seleção das pessoas que possuem bom comportamento para serem transferidas do presídio para a APAC; o fato de não gostarem de estudar, o que pode vir a causar um bloqueio no aluno; o raciocínio lento, que dificulta o entendimento do conteúdo e o fato de serem privados de liberdade, o que deixa o aluno desmotivado e triste por se encontrar nessa situação; o cansaço da rotina e a dificuldade em ter contato com a pedagoga do presídio para falar sobre a vontade de retomar os estudos.

Os demais recuperandos que responderam que não tiveram dificuldades em voltar a estudar, apontando os seguintes motivos, destacados na Tabela 5:

Tabela 5: Motivos dos recuperandos não terem dificuldade em estudar

Por que não tiveram dificuldade em voltar a estudar	Total de alunos
Não responderam	2
Na APAC tem facilidade para estudar	2
Os professores são pacientes	1

Consegue acompanhar o conteúdo	1
--------------------------------	---

Fonte: Dados da pesquisa.

Como podemos ver na Tabela 5, dois alunos não explicaram o motivo pelo qual não tiveram dificuldade para voltar a estudar; dois alunos relataram que, na APAC, eles tem facilidade para estudar e, por isso, não tiveram nenhum impedimento ou obstáculo para retomarem os estudos; um aluno falou sobre os professores serem bastante pacientes, o que facilita o processo de ensino/aprendizagem e um aluno alegou conseguir acompanhar os conteúdos que são abordados durante as aulas.

Na 4ª questão, foi perguntado quais são os desafios que eles encontram para estudar, obtendo as seguintes respostas, expressas na Tabela 6:

Tabela 6: Desafios que os recuperando encontram para estudar

Desafios que encontra para estudar	Total de alunos
Dificuldade em algumas disciplinas/conteúdos	10
Nenhum	5
Ter que estudar	3
Cansaço físico e mental	1
Idade avançada e horário das aulas	1
Ter que trabalhar quando sair da APAC, não tendo tempo para estudar	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos notar, na Tabela 6, o grande número de alunos (10) que relatam como principal desafio a dificuldade em algumas disciplinas, especificamente em Matemática e Inglês, e em alguns conteúdos que são abordados pelos professores. Essa dificuldade pode ser devido ao fato de alguns terem ficado muito tempo sem frequentar a escola e por ter pouco contato com a língua estrangeira, no caso do Inglês. Em segundo lugar, encontram-se cinco (5) alunos que relatam não terem desafio nenhum durante os estudos. Os alunos que deram essa resposta foram aqueles que estão numa faixa etária entre 22 e 30 anos, tendo frequentado a escola mais recentemente, possuindo, assim, maior facilidade para entender o conteúdo que está sendo transmitido.

Outra resposta obtida foi a de três alunos, que relataram que o desafio é ter que estudar, por ser obrigatório frequentar a escola na APAC. Então, ao pedirem transferência para esse espaço, estão se vendo obrigados a se submeter a esse requisito. Há, então, uma falta de interesse desses alunos com os estudos durante as aulas. As demais respostas foram: cansaço físico e mental devido a rotina do dia-a-dia; a idade avançada e o fato das aulas serem oferecidas durante o dia e o término do cumprimento de sua pena que, ao sair da APAC, terá que trabalhar, não tendo assim, tempo para se dedicar ao estudo.

A última questão presente nesse questionário foi referente às expectativas para o futuro, tendo sido obtidas mais de uma resposta em alguns questionários. As expectativas dos recuperandos estão representadas na Tabela 7:

Tabela 7: Expectativas dos recuperandos para o futuro

Expectativas para o futuro	Total de alunos
Trabalhar	10
Formar	7
Construir e cuidar da família	6
Começar uma nova vida	3
Ser feliz	2
Não sabem	2
Casa própria	1
Pagar pelo erro	1
Tirar carteira	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa Tabela 7, vemos que dez alunos alegam a vontade de trabalhar para retomarem a sua vida. Porém, ao retornarem para a sociedade, essas pessoas enfrentam dificuldades para conseguir emprego por causa de terem sido presos, havendo uma discriminação desse grupo. Em segundo lugar, foi abordado por sete alunos a vontade de concluir os estudos, tanto o Ensino Médio quanto o Ensino Superior. Esse dado mostra que o ensino dentro da unidade prisional pode vir a influenciar a vida dos recuperandos, que percebem a sua necessidade e, com um trabalho dedicado dos

professores, eleva a autoestima nos alunos, quando percebem que são capazes de conseguir entender o conteúdo e progredir com os estudos, vindo a se formar no curso superior.

Em seguida, vem a vontade de construir e cuidar da família, relatado por seis alunos, pois ao serem presos, estão privados de algumas relações sociais, estando distantes da família. Assim, quando retornarem ao meio social, eles têm vontade de permanecer perto da mesma. Também foi relatado por três alunos que pretendem começar uma vida nova após pagar pelo erro cometido, vindo a esquecer dessa fase da vida e buscando novos caminhos. Os demais alunos relatam que querem ser felizes, tirar carteira, pagar pelo erro, ter casa própria. Dois recuperando ainda não sabem que expectativas têm para o futuro.

4.3 Desafios dos educadores

Nessa fase da coleta de dados, foi aplicado um questionário aos professores, contendo oito questões referentes à formação, à atuação na EJA Prisional, à metodologia das aulas e aos desafios que enfrentam nessa modalidade de ensino. O questionário foi aplicado a sete professores, no qual as três primeiras questões foram referentes à disciplina ministrada, à formação e ao tempo de atuação na EJA Prisional, respectivamente, obtendo os seguintes resultados:

Tabela 8: Disciplina ministrada, formação e tempo de atuação na EJA Prisional.

Professor	Disciplina	Formação	Tempo de atuação
A	Matemática	Licenciatura em Matemática	1 ano e 9 meses
B	Geografia	Licenciatura em Geografia	10 meses
C	História	Licenciatura e Mestrado em História	1 ano
D	História	Licenciatura em História	8 meses
E	Inglês	Licenciatura em Português/Inglês	8 meses
F	Língua	Licenciatura em Letras	2 anos

	Portuguesa		
G	Língua Portuguesa	Licenciatura em Letras	2 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos notar, na Tabela 8, que todos os professores possuem licenciatura, com exceção do professor de História, que possui também o mestrado. Referente ao tempo de atuação são pessoas que estão a pouco tempo trabalhando com turmas de EJA Prisional, com exceção dos professores de Língua Portuguesa, que estão atuando há dois anos nesse espaço.

Na quarta questão, foi perguntado se possuíam alguma formação específica na área da EJA Prisional. Nessa questão, todos os professores que responderam ao questionário, alegaram que não possuem formação específica voltada para a EJA Prisional, sendo que apenas um relatou que participou de palestras e cursos sobre o funcionamento da escola prisional e do sistema na APAC.

A quinta questão foi para saber quais recursos e metodologias utilizam durante as suas aulas. Nas respostas obtidas, todos relataram que fazem uso de aulas expositivas e procuram promover o diálogo e interação dos alunos, com atividades dinâmicas e em grupo, como podemos notar nos relatos a seguir:

Aulas expositivas com dinâmicas e exercícios que buscam a investigação e o raciocínio de cada aluno (Professor A).

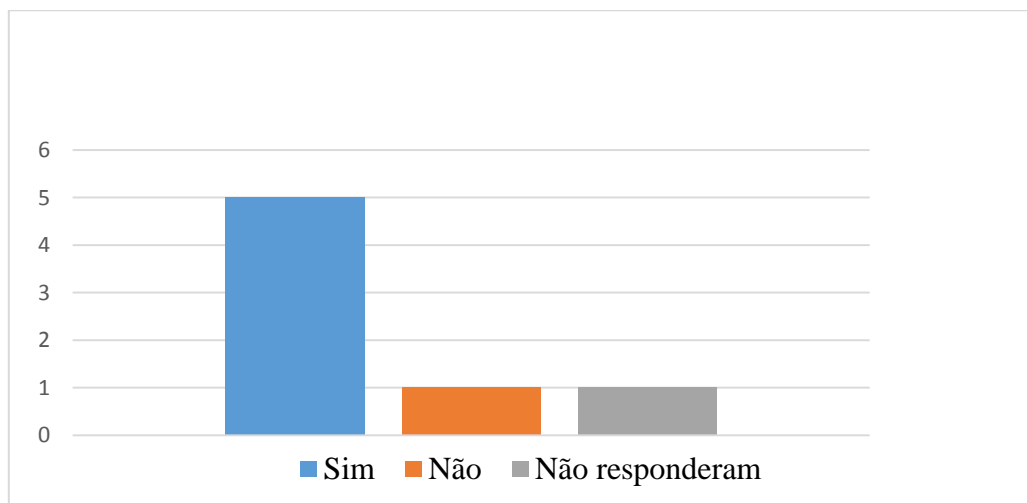
As aulas consistem em aulas expositivas, quando oportuno utilizo algum documentário, utilizo mapas, privilegio o diálogo sobre o conteúdo resgatando conhecimentos prévios dos alunos, estudos de textos e ao fim de cada conteúdo realizo estudo dirigido ou avaliação (Professor B).

Procuro elaborar aulas dinâmicas que possibilitem a interação dos alunos, para que eles possam expor seus conhecimentos e identificar-se com os conteúdos abordados (Professor C).

Verificamos, nessas falas, que os professores buscam valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, usando recursos e atividades variadas para facilitar o entendimento dos alunos. Além disso, procuram realizar atividades em grupos e estabelecer uma relação do conteúdo com o cotidiano dos alunos e com o que já conhecem, facilitando assim a assimilação do que está sendo exposto no momento.

Na sexta questão foi perguntado se os professores fazem uso dos princípios de Paulo Freire para desenvolver suas aulas na EJA Prisional. Do total de sete participantes da pesquisa, cinco professores afirmaram que fazem uso dos princípios de Paulo Freire, um professor relatou que não faz uso do mesmo e um professor não respondeu à questão, como mostra o Gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2: Número de professores que utilizam os princípios de Paulo Freire para desenvolver suas aulas



Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa mesma questão, foi solicitado que especificassem de que maneira fazem uso dos princípios de Paulo Freire. Os cinco professores que alegaram que fazem uso desses princípios citaram que partem sempre da bagagem do aluno e procuram aproximar o conteúdo da sua realidade, como mostra o relato abaixo:

Sim, utilizando e resgatando os conhecimentos que os alunos já possuem, para explicação e compreensão do conteúdo. Procuo aproximar o conteúdo à realidade local, tornando-o menos abstrato e mais prático, facilitando a visualização e o entendimento (Professor B).

Camargo (2014) destaca que os princípios de Paulo Freire são vários, focando principalmente na importância de valorização da cultura do aluno e da central relevância do seu universo vocabular, ou seja, o professor inicialmente, tem que conhecer os seus alunos, mediante a observação, e pesquisar quais são os assuntos/palavras que estão presentes nesse grupo de aluno.

Outro princípio de Paulo Freire que Camargo (2014) aponta é referente ao diálogo, que é mais do que uma estratégia pedagógica, sendo um critério para que haja a aprendizagem. Neste princípio, Brandão (1981, p.21) aponta que:

Paulo Freire pensou em um método de educação construído em cima da ideia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, não podendo começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do saber, o seu método e o material da fala dele.

Diante disso, vemos a importância do diálogo dentro da sala de aula e, no sistema educacional da APAC, os professores relataram que fazem uso desse diálogo, trazendo o aluno para dentro do conteúdo que está sendo exposto e valorizando que eles busquem indagações e façam questionamentos sobre o assunto tratado. Brandão (1981) também aborda sobre o círculo de cultura como um dos princípios de Freire, que seria todos os alunos e os professores organizados em círculo, onde discutem sobre determinado assunto ou conteúdo. Isso é encontrado em algumas falas, como a seguir, que buscam trabalhar mais em grupo para que haja essa discussão, pois a educação deve ser um ato coletivo.

Normalmente temos um planejamento com as exigências do estado, buscando sempre viver a realidade do aluno e trabalhar com grupos, rodas de conversa, para facilitar o entendimento deles. (Professor F).

Notamos, nessa fala, que o professor tem uma preocupação com a maneira como expõe o conteúdo para os alunos, vindo a usar métodos e recursos que facilitem o entendimento e que os ajude a fazer uma assimilação do abstrato a partir do real. Além disso, eles também têm uma visão de que cada aluno é único e possui um saber, e que cada um tem a sua forma de aprender e entender o que está sendo exposto, como está explícito na fala a seguir:

No sistema prisional os saberes são diferentes, cada um possui uma aprendizagem única e o professor tem que contornar essas situações (Professor A).

Camargo (2014) aponta a importância de trazer as experiências do aluno para a sala de aula, de forma que se intercale com o conteúdo que está sendo trabalhado, para que esse aluno possa fazer a assimilação, como também, partir dos interesses dos alunos, pois assim, ele se sente mais motivado para questionar e ver que seus saberes

estão sendo valorizados no processo educacional. Nesse sentido, Camargo (2014, apud PAULO FREIRE s/a, s/p) explica:

só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas

Essa preocupação em valorizar o conhecimento prévio do aluno é encontrada em várias falas, como a seguinte:

Sim, partindo sempre da bagagem que o aluno tem (Professor G).

A sétima questão foi referente aos principais desafios que enfrentam em sua prática docente na EJA Prisional. Nessa questão, alguns alegaram mais de um motivo, como podemos observar na tabela 9:

Tabela 9: Desafios que os professores possuem na modalidade da EJA Prisional

Desafios	Total de professores
Rotatividade dos alunos	3
Desinteresse dos alunos	3
Falta de trabalhos de campo	1
Falta de recursos	1

Fonte: Dados da pesquisa.

A tabela 9 mostra que os principais desafios apontados pelos professores, em sua atuação, são a alta rotatividade dos alunos, não permitindo que haja uma sequência no conteúdo que está sendo exposto. Além disso, relata que o desinteresse dos alunos também vem a prejudicar esse processo. Esse desinteresse pode ocorrer devido a se ter muitos alunos jovens e por esses terem que frequentar a aula para permanecer nesse espaço.

Diante dessa rotatividade dos alunos, o professor deve ter uma organização e um planejamento que permita dar continuidade ao conteúdo de forma que nenhum aluno seja prejudicado, como destaca a Unesco:

As decisões sobre como conduzir o processo de alfabetização envolvem, portanto, um conjunto de procedimentos pertinentes à preparação do ambiente físico e social do centro educativo ou escola e das turmas de alfabetização, de planejamentos e rotinas necessários à

aprendizagem da leitura, escrita e de seus usos por pessoas jovens e adultos. Implica também a reavaliação da prática à luz das orientações teórico-metodológicas sugeridas pela produção acadêmica, a seleção de livros e materiais didáticos que apoiem de forma consistente o trabalho pedagógico; a formação permanente de alfabetizadores; o diagnóstico dos saberes e necessidades dos estudantes, bem como a análise dos processos de aprendizagem por eles vivenciados (UNESCO, 2009, p.67).

A última questão foi referente às medidas que estes professores tomam para conseguir superar ou amenizar os desafios. As respostas coletadas foram diversas, em que alguns alegaram mais de uma medida, como mostra a Tabela 10:

Tabela 10: Medidas que os professores tomam para superar os desafios enfrentados em sua prática docente

Medidas para superarem os desafios	Total de professores
Medidas motivacionais	3
Atividades lúdicas	2
Avaliar diariamente	1
Recursos próprios	1
Doações	1
Utilização de mapas	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Tabela 10, verificamos que três professores alegaram que procuram despertar e motivar os alunos para participarem das aulas e terem uma visão crítica e investigativa sobre o conteúdo abordado. Essa medida se dá pelo fato do desinteresse dos alunos ser um grande desafio que os professores enfrentam diariamente em sua prática docente. Outra medida que dois professores destacaram foi a utilização de atividades lúdicas, para despertar também o interesse dos alunos e tornar as aulas mais atrativas, além de facilitar o entendimento do conteúdo pelos alunos.

Outro professor alegou que faz uma avaliação diária do processo de ensino/aprendizagem dos alunos, avaliando sua progressão. Essa medida é tomada devido à alta rotatividade dos alunos, o que prejudica a continuidade do conteúdo, tendo o professor, muitas vezes, que aplicar atividades mais soltas, que possam ser exploradas em poucas aulas, para nenhum aluno ficar prejudicado.

Também houve um professor que relatou que faz uso de recursos próprios para desenvolver suas aulas, pois a APAC está com falta de recursos para custear os

materiais necessários à aula, devido à falta de verba, não tendo caderno para os próprios alunos. Outra medida mencionada por um professor para amenizar esse desafio foi o pedido de doações de materiais didáticos.

Como não possuem atividades de campo, um professor citou que faz uso de mapas para mostrar localizações, biomas, etc, para tentar suprir esse problema, e busca aproximar o conteúdo da realidade dos alunos e locais que conhecem. Essas medidas são tomadas como forma de suprir algumas necessidades. Porém, nem todos os desafios têm soluções ao alcance dos professores, como por exemplo, a rotatividade dos alunos, que faz parte do próprio sistema da APAC.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi realizado na APAC de Viçosa, objetivando investigar os principais desafios enfrentados pelos educandos e educadores durante o processo de ensino/aprendizagem, na modalidade da EJA prisional. Foram analisados, ainda, a formação específica dos professores, as metodologias utilizadas por estes professores, os desafios da coordenadora pedagógica e a organização pedagógica da APAC.

Ao analisar as respostas dos docentes obtidas nos questionários, pudemos verificar que nenhum deles possui formação específica em EJA Prisional, mas apenas uma licenciatura referente à disciplina que ministram. Isso se deve ao fato de possuírem pouco tempo de atuação na EJA Prisional e por não haver políticas voltadas para essa área da educação, o que acaba levando-os a buscarem uma formação por si só ou a caírem no comodismo.

Porém, mesmo sem essa formação específica, foi identificado, nos questionários, que há uma preocupação dos professores em usar recursos e metodologias diversificados para facilitar o entendimento dos alunos, sempre valorizando o conhecimento prévio dos mesmos, promovendo momentos de trabalho em grupos e discussões. Mas como em todo processo educacional, os professores possuem alguns desafios em sua prática docente, como a rotatividade dos alunos, que fazem parte do sistema interno da APAC, o que acaba prejudicando os demais.

Também foi constatada, tanto pelos professores quanto pela coordenadora pedagógica, a falta de recursos e uma infraestrutura precária, em que há falta de materiais básicos para as aulas e de algumas reformas necessárias no ambiente.

Referente às respostas dos recuperandos, obtidas nos questionários, pude constatar que a maioria retomou os estudos para obter mais conhecimentos e por perceberem a falta que o estudo faz na vida deles. Além disso, eles possuem como principal desafio, as dificuldades em alguns conteúdos e matérias que estão sendo abordados, devido a terem ficado muito tempo sem estudar.

Alguns pesquisadores relatam que a EJA está vivendo um momento de reconhecimento nas universidades, sendo notada a sua importância na formação inicial dos graduandos, principalmente em cursos de Licenciatura. Porém, tal reconhecimento ainda é tímido, sendo necessário ainda que os próprios educadores busquem uma formação específica na EJA, para atuarem da melhor forma e buscarem medidas que auxiliem os alunos nesse processo educacional.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, E. F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais**. 2008, 5 p. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf> Acesso em: 05 dez 2017.

BARROSO, A. L. R. **Instrumentos de pesquisa científica qualitativa: vantagens, limitações, fidedignidade e confiabilidade**. UNESP, Rio Claro, São Paulo. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd172/instrumentos-de-pesquisa-cientifica-qualitativa.htm>> Acesso em: 02 set. 2017.

BRANDÃO, C. R. **O ABC do método**. Coleção Primeiro Passos, SP, 1981, p. 21-67.

CAMARGO, P. de. **Paulo Freire sob a luz da atualidade**. Educatrix, ano 04, n° 6, ed. Moderna, 2014, p. 31-36.

CEREJA discute: **Educação em prisões/ Associação alfabetização solidária**; [organização de] Aline Yamamoto, Ednéia Gonçalves, Mariângela Graciano, Natália Lago, Raiane Assumpção; - São Paulo: AlfaSol: Cereja, 2010, 127p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALVÃO, A.; SOARES, L. **História da Alfabetização de Adultos no Brasil**. BH: Autêntica, 2010.

LOURENÇO, A. da S.; ONOFRE, E. M. C. **O espaço das prisões e suas práticas educativas: enfoques e perspectivas contemporâneas**. São Carlos: EDUFSCar, 2011. 285p.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 6° edição, São Paulo, ed. Atlas S.A., 2007, p. 88-97.

MARINHO, M. M. de A. **Juvenilização na EJA: percurso e perspectivas dos jovens da Escola Padre Ibiapina**. UEPB, Campina Grande, PB, 2012, 44 p.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Disponível em:

< <http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>> Acesso em: 23 ago. 2017.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **EJA e Educação Prisional**. Boletim 06, Maio, 2007, 53 p.

PORCARO, R. C. **Caminhos e desafios na formação de educadores e jovens e adultos**. BH,FAE/UFMG, 2011.

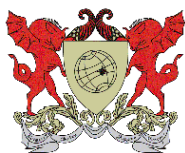
SILVA, A. F. da et al. **Educação de Jovens e Adultos**. UESC EAD. mod 6, vol 3, Ilhéus, ed. Editus, 2012, p. 14-48.

UNESCO. **Educação em prisões na América Latina: Direito, Liberdade e Cidadania**. Brasília. OIE, AECID, 2009. 188 p.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Formação inicial:
2. Formação específica na área da EJA:
3. Tempo de atuação na coordenação da EJA Prisional:
4. Total de alunos:
5. Total de professores:
6. Turmas oferecidas:
7. Quais são os cursos ou oficinas oferecidas para os alunos?
8. Quais são os projetos desenvolvidos com os alunos?
9. Horários das aulas:
10. Qual é a estrutura física da escola prisional?
11. Como é organizado a distribuição de tarefas entre os recuperandos?
12. São feitas reuniões com os professores? Com que frequência? Com que objetivos?
13. Quais são os desafios enfrentados por você na gestão de uma escola prisional?
14. Que ações você desenvolve para o enfrentamento desses desafios?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

O presente formulário será utilizado para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), sob a orientação da Prof. Rosa Cristina Porcaro e possui como objetivo identificar os principais desafios na EJA Prisional. Não é necessário à sua identificação. Qualquer dúvida, entrar em contato pelo e-mail wenderlaine.paula@ufv.br.

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1. Idade: _____

2. Sexo: Masculino Feminino

3. Qual nível você está? _____

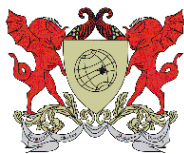
4. O que te motivou a retomar os estudos?

5. Você encontrou algum desafio para voltar a estudar? Se sim, qual? _____

6. Qual é o principal desafio que você encontra durante as aulas?

7. Quais são suas expectativas para o futuro? _____

Obrigado!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

O presente formulário será utilizado para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), sob a orientação da Prof. Rosa Cristina Porcaro e possui como objetivo identificar os principais desafios na EJA Prisional. Não é necessário a sua identificação. Qualquer dúvida, entrar em contato pelo e-mail wenderlaine.paula@ufv.br.

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1. Disciplina ministrada: _____
2. Formação: _____
3. Tempo de atuação na EJA Prisional: _____
4. Possui formação específica na EJA Prisional? Se sim, qual? _____

5. Como você desenvolve suas aulas com as turmas da EJA Prisional (Aulas expositivas? Dinâmicas de grupo? Estudos dirigidos? Estudo de textos?)? Explique.

6. Você utiliza os princípios de Paulo Freire e a proposta para desenvolver suas aulas na EJA Prisional? Se sim, de que maneira? _____

7. Quais são os principais desafios que você encontra na sua prática docente com essa modalidade de ensino? _____

8. Quais medidas você toma para superar esses desafios?

Obrigado!